

# ZIBIA GASPARETTO

O VERDADEIRO AMOR  
SÚPERA TODOS OS DESAFIOS

AUTORA  
COM MAIS DE  
**17 MILHÕES**  
DE LIVROS  
VENDIDOS

# AMOR VENCEU



FAROL

ROMANCE DITADO POR LUCIUS

# Índice

Introdução .....	7
1 ♦ Duas almas, um destino .....	11
2 ♦ A proteção da velha serva .....	24
3 ♦ Orgulho e humildade .....	35
4 ♦ A chegada de Otias .....	41
5 ♦ O encontro .....	49
6 ♦ A vingança .....	59
7 ♦ A dedicação de Solimar .....	76
8 ♦ Rabonat, o escravo vingativo .....	103
9 ♦ O julgamento de Pecos .....	120
10 ♦ Promessa e provação .....	146
11 ♦ Quem planta, colhe .....	157
12 ♦ Entre o ódio e o amor .....	176
13 ♦ A trama da vida .....	182
14 ♦ Lição de humildade .....	201
15 ♦ Vítima do próprio ódio .....	223
16 ♦ O bem vence o mal .....	238
17 ♦ O suplício do remorso .....	257
18 ♦ Traição .....	267
19 ♦ O sabor da derrota .....	279
20 ♦ Esquecimento, remédio para a alma .....	287
21 ♦ Destinos que se cruzam .....	301

<b>22</b> ♦ Tributo aos erros do passado. . . . .	313
<b>23</b> ♦ O regresso de Solimar . . . . .	333
<b>24</b> ♦ A visão . . . . .	351
<b>25</b> ♦ A partida de Pitar. . . . .	364
<b>26</b> ♦ Pitar encontra o pai. . . . .	373
<b>27</b> ♦ A morte de Otias . . . . .	385
<b>28</b> ♦ Solimar, o anjo bom . . . . .	394
<b>29</b> ♦ O mal cobra tributo. . . . .	411
<b>30</b> ♦ O amor venceu. . . . .	422

# Introdução

**E** screvi este livro tendo como base as leis da reencarnação. Só elas, traduzindo verdades vigorosas que os homens tentam negar a cada passo, podem explicar os mistérios com que a humanidade se debate há milênios, ao tentar compreender o passado através do estudo de outros povos e de outras civilizações.

Este trabalho é despretensioso. No intuito de contribuir de alguma forma para a atual necessidade de divulgação das leis básicas que regem a vida terrena, voltei ao passado distante, procurando no arquivo da minha consciência milenar a história que tentei narrar aqui, com pureza e simplicidade. Quero ainda esclarecer que se trata de uma história real, extraída de acontecimentos de outrora que presenciei.

Como conseguiríamos explicar os segredos das civilizações mais antigas sem o auxílio das leis a que me referi? Como explicar o estado avançado do povo egípcio, cuja civilização existiu milhares de anos antes da Era Cristã?

Os seus conhecimentos científicos, gravados em hieróglifos, parte nas ruínas dos templos ainda existentes, parte nas pirâmides, surpreendem o mundo de hoje, que ainda se orienta por esses escritos. Mas, como os teriam obtido se não possuíam telescópios, radar, rádio, telégrafo e outros instrumentos de experimentação de que dispõe a ciência moderna?

O povo, por si só, nada sabia, mas os sacerdotes que governavam junto do rei, a quem chamavam faraó, eram os donos desse conhecimento. Esses sacerdotes reuniam-se

amiúde, recebendo, através da prática mediúnica, conhecimentos científicos. Mas, mesmo entre eles existia seleção, pois nestas reuniões só podiam participar os grão-mestres.

Houve mesmo um faraó, chamado Ramsés II, que era contra a idolatria do povo, povo este que fazia imagens de animais e as adorava, prestando-lhes homenagens. O faraó procurou instituir costumes menos bárbaros, mas de acordo com os seus conhecimentos espirituais.

Conhecedor das leis mais sagradas do monoteísmo, que lhe eram reveladas pelos sacerdotes de Ísis e Ivanoé, quis abolir o culto da adoração dos animais. Porém, receoso da reação popular, pois o povo não estava em condições de compreender um culto mais abstrato, consentiu que adorassem o Sol que, jorrando a sua luz magnífica, simbolizaria a potência divina.

Ainda hoje, já com os tempos mudados, se peregrinarmos pelos vales egípcios de Tebas e de Tiocletes, podemos observar praticantes do culto do astro-rei, de joelhos, com a frente no solo crestado pelo sol ardente. Por respeito aos seus antepassados, não querem abolir as suas crenças para evoluir. No entanto, não como no Ocidente, não da mesma forma, mas também eles conhecem Jesus e o admiram.

Isentos da deturpação romana, conhecem um Cristo mais semelhante ao que ele foi realmente. Aliás, os seus conhecimentos sobre reencarnação dão-lhes uma visão mais alargada da realidade.

Em Tebas, principalmente, onde a civilização de outrora reinou, a aragem do tempo transformou muitas coisas, mas, nas margens do mar Vermelho, encravadas nas suas rochas, invadidas constantemente pelas ondas, ainda existem cavernas e hieróglifos dos sacerdotes ivanoenses, de quando se recolhiam em meditação.

Recentemente, um cientista belga descobriu um desses recantos e tentou decifrar as suas égides, mas apenas conseguiu perceber uma parte: tratava-se de um culto

a Deus, oferecendo os seus serviços nesta existência e na próxima, como um extravasamento da sua fé e uma certeza na reencarnação.

Tebas, magnífica cidade de guerreiros e luz, onde a púrpura dos faraós se espelhou nos templos e castelos, magníficas construções arquitetônicas, de pedra, tijolos, gesso, mármore e ouro.

Se nos reportássemos àqueles dias, no ano 1200 a. C., veríamos as suas ruas repletas de gente, movimentando-se na labuta diária. Levantando a poeira dos caminhos, muitos iam e vinham, incessantemente. Os seus trajes bizarros constituiriam uma alegre sarabanda para os nossos olhos. Naquele dia, porém, um sábado cheio de sol que, apesar do entardecer, recrudescia ainda fervescente, o movimento era maior e invulgar. Todos, com os seus trajes festivos, comentavam alegremente o retorno de Pecos, guerreiro respeitado, que fora a Sídon, a mando do soberano, a fim de trazer escravos, como era feito habitualmente de tempos a tempos, para enriquecer o Império. Geralmente, Pecos, para cumprir tal incumbência, levava consigo um certo número de soldados e lanceiros, pois, embora o poderio do faraó dominasse toda a parte baixa do Mediterrâneo, não era sem trabalho que conseguia o seu objetivo. Geralmente, procedia a uma «caçada» e, como caçador, agia furtivamente, surpreendendo a presa. Tão bem desempenhava as suas funções neste setor, que granjeara a confiança do faraó, a ponto de chefiar o seu exército de guarda pessoal. O faraó, que se mantinha no poder pela violência, era odiado pelos povos das terras subjugadas e, receoso de um atentado, possuía um pequeno exército sem o qual nunca saía do palácio, e não permitia também que ele se ausentasse, deixando-o desguarnecido. Pecos era o chefe, o comandante, desse pequeno exército de lanceiros e, quando se ausentava, era substituído pelo seu imediato, um homem da sua inteira confiança.

A cidade regurgitava, festejando o regresso de Pecos. Geralmente, quando a caravana chegava, o faraó dava uma grande festa em sua homenagem, e o povo assistia do pátio externo, recebendo trigo e vinho à vontade, tocando alaúdes e cítaras alegremente, improvisando danças quando os efeitos do vinho se faziam sentir, e esperando pelas sobras do banquete do palácio. Muitos deixavam-se empolgar pelos prazeres do festejo, e a orgia prosseguia até que todos, extenuados, caíssem por terra.

No palácio, entretanto, a festa constava de um lauto banquete de finas iguarias e, depois, quando já estavam todos saciados, envolvidos pelos vapores do vinho, após a dança das melhores bailarinas do palácio, desfilavam os escravos mais importantes, ou mais interessantes, para serem oferecidos a alguém.

É neste ambiente que se inicia a nossa história.



## DUAS ALMAS, UM DESTINO

**N**aquela tarde, o povo dirigiu-se ao pátio exterior do palácio, sabendo da chegada, pela manhã, da caravana de Pecos. Via-se gente de todos os tipos: lavradores vestidos com as suas túnicas de pano vermelho ou de listrado preto e amarelo, mulheres com os filhos pequeninos às costas, jovens alegres, sacudindo os brincos reluzentes, deslizando como felinos pelas ruas poeirentas, com as suas túnicas colantes, deixando a nu os ombros morenos e parte do colo exuberante, calçando finas sandálias de couro de cabra e trazendo os véus cobertos de pedrarias que tilintavam e luziam com reflexos solares.

No palácio, a atividade ia a meio. Escravos cruzavam os vastos salões enfeitados de brocado e púrpura, numa azáfama constante, dispendo objetos e flores, com cochichos e risinhos abafados.

Dali a poucos instantes, começaria o festim. Décios, escravo que gozava de regalias especiais perante Pecos, e consequentemente perante o faraó e os seus sacerdotes, dirigia os outros escravos, nem sempre se deixando levar pela benevolência e compreensão. Ostentava naquele dia uma túnica cor de vinho, com uma insígnia de pedras no peito, presa ao pescoço por um cordão azul. Fora um régio presente do faraó por um serviço prestado, que ele ostentava orgulhosamente nas ocasiões festivas. Décios, diligentemente, dirigiu-se à sala do banquete, confirmando mais uma vez se estava tudo como determinara. Sorriu embevecido:

na sala havia magníficas flores, frutos, nozes, tâmaras, uvas, pães, carne e muitos outros apetitosos manjares daqueles dias; tudo disposto sobre maravilhosos coxins de púrpura e ouro junto das paredes cobertas por finos tecidos da Pérsia e da Macedónia. No centro, a pista onde as dançarinas exibiriam os seus bailados, tendo em cada canto piras, de onde saíam constantes línguas de fogo que os escravos reavivavam amiúde, juntando-lhes finos extratos de ervas aromáticas que perfumavam agradavelmente a sala. Os archotes já estavam preparados para serem utilizados assim que o sol se escondesse no crepúsculo róseo do céu de Tebas. O barulho lá fora já principiara, demonstrando que o povo aguardava o início da festa com impaciência. As liteiras e os cavaleiros já começavam a chegar ao palácio e os salões de receção regurgitavam. De súbito, dois pajens, vestindo a túnica da antecâmara do soberano, saíram pelas cortinas que circundavam o coxim do faraó. Traziam dois clarins e, postando-se eretos, desceram as cortinas, tocando em seguida — como era de praxe — o sinal para anunciar o soberano. Imediatamente, o silêncio caiu. Um homem magro, calvo, moreno, envergando uma túnica de alvo linho, coberta de pedrarias rutilantes, trazendo ao peito a Grã-pedra, penetrou majestosamente no salão. Era o faraó. Todos se curvaram em reverência.

— Meus amigos — disse ele —, saúdo-vos e, como anfitrião, espero que todos façais jus à minha hospitalidade. Desejo saudar em particular o emissário que valorosamente cumpriu mais uma vez a sua missão em terras distantes.

Do outro lado da sala, entrando garbosamente, fazendo reluzir os seus atavios, surgiu um homem, seguido por mais seis outros, com as suas lanças e escudos, em fila dupla. Pecos, que caminhava à frente, adiantou-se e, postado aos pés do faraó, adorou-o, saudando-o gentilmente.

— Levanta-te, Pecos. Estou satisfeito com o cumprimento de tua missão e quero agradecer-te com a Grã-pedra opalina, para premiar o teu desvelo e a tua perícia.

Acercou-se então dele, já em pé, e colocou-lhe ao pescoço a grande e maravilhosa pedra brilhante, presa por um cordão luzidio. Pecos agradeceu reverentemente e ia retirar-se quando o faraó continuou:

— Hoje és o homenageado, portanto, participarás da minha ceia, ao meu lado. Antes quero aparecer à janela contigo e com Potiar, pois o povo quer aplaudir-te.

Pecos, altaneiro, na exuberante beleza dos seus 30 anos, simpático e forte, surgiu na plataforma que dava para o pátio externo. O povo aclamou-o freneticamente, satisfeito com o início da cerimónia, ansioso por começar a divertir-se. O faraó, que aguardava um pouco atrás, adiantou-se por sua vez e disse:

— Meu povo! Eis o nosso herói, que mais uma vez retorna de uma missão rendosa para o nosso país. Trouxe-nos muitas conquistas e, portanto, ordeno que seja iniciada a distribuição de vinho, trigo e frutos a todos os presentes e que se inicie também a música, para vosso divertimento!

Uma verdadeira ovação aclamou as palavras do soberano, que vinham ao encontro do desejo de cada um. Tomando Pecos pelo braço, o faraó entrou novamente na sala de recepção, sempre seguido pelo seu imediato Potiar que, silencioso e circunspeto, tudo observava calma e solenemente. Passaram em seguida para o salão do banquete, para onde os demais os seguiram e onde os escravos começaram a servi-los. Enquanto todos se divertiam, gozando os prazeres que satisfazem as vaidades, um lugar havia onde o sofrimento imperava: eram as celas onde se encontravam os escravos prisioneiros.

Eram eles o fruto daquela caçada covarde e ignominiosa. Sabendo do atentado de que tinham sido vítimas, aguardavam

com esperança uma oportunidade para fugir. No entanto, eram bem vigiados pelos soldados. Nem para comer ou outras necessidades deixavam a cela estreita e incômoda onde estavam. Ouviam a alegre algazarra que reinava à sua volta, o que ainda mais os amargurava.

A certa altura, porém, um dos lanceiros aproximou-se e, seguido por outros, todos armados, falou aos prisioneiros:

— Escutai todos. Chegou a hora de deixardes essa cela incômoda. Sereis agora selecionados por Potiar, o Fiel, que designará as funções de cada um de vós. Mas lembrai-vos de que, se alguém tentar fugir ou rebelar-se, será severamente castigado, pagando com a vida.

Dito isto, com um gesto autorizou os que o acompanhavam a abrirem as celas, aguardando impassível que eles saíssem. Um a um, foram saindo das celas infectas e desconfortáveis. Trôpegos, com os membros amortecidos por quase um mês de viagem, eram ao todo 45. As mulheres foram retiradas antes e conduzidas para a ala das esposas do soberano. A elas se poupou a cela imunda; tinham viajado a cavalo, embora amarradas e ameaçadas constantemente.



Foram todos conduzidos a uma dependência do palácio, onde Potiar os esperava ansioso. Colocou-os em volta da parede e foi chamando um a um para os interrogar e determinar as suas funções. Eram todos jovens, fortes e sadios, pois que bem escolhidos por Pecos. Assim, de entre esses 45, Potiar escolheu 6 dos melhores espécimes e ordenou aos escravos que os preparassem como de praxe, conduzindo-os depois à antecâmara do faraó, onde os aguardaria. Depois, dirigiu-se para a sala onde estavam as mulheres, e os seus olhos brilhavam pelo prazer que antegozava de contemplar as novas escravas.

Lá chegado, esperou que as trouxessem. Eram apenas 15 mulheres, mas valiam em beleza e juventude pelos 45 escravos conseguidos.

Começou a interrogá-las. Elas respondiam, sem esconder o seu rancor e o seu ressentimento.

— E tu, como te chamas?

Referia-se a uma jovem de extraordinária beleza, que o fitava orgulhosamente. Não obteve resposta. Enfureceu-se Potiar, mais pelo olhar dela do que pela falta de resposta.

— Como te chamas? — inquiriu novamente.

Ela limitou-se a franzir os lábios em soberano desprezo, e nada respondeu. Ele, então, descontrolou-se e puxou-lhe o braço, sacudindo-a violentamente.

— Não queres falar? Negas-te a responder ao senhor que a todos governa e de quem só é superior o próprio faraó? Não sabes que posso destruir-te em poucas palavras, castigando-te severamente?

A voz de Potiar, sibilante, rouca, tremia cheia de rancor. Ela ergueu os seus magníficos olhos e encarou-o serena, mas orgulhosamente. Ele estremeceu imperceptivelmente ao perceber a beleza e o fascínio que emanavam daquela mulher. Os seus lábios entreabertos deixavam aparecer duas fileiras de dentes alvos e perfeitos. Estava vestida com uma túnica comprida, magnífica, que lhe deixava nus os ombros alvos e o colo coberto de pedrarias.

— Responde! — ordenou Potiar, sentindo, malgrado seu, fraquejar a sua autoridade.

— Chamo-me Nalim — respondeu ela, e a sua voz era doce e melodiosa, grave como um sussurro.

Ele largou-a, dizendo energicamente:

— Porque não te vestiste como as demais, conforme ordenei?

Ninguém respondeu. Ao cabo de instantes, Potiar chamou Aleat, uma velha escrava e renovou a pergunta.

— É preciso contar-vos, ó grande Potiar, que ela é uma verdadeira fera e nós não conseguimos deitar-lhe as mãos. Ameaçou-nos com um pequeno punhal conseguido não sei onde e disse que permaneceria vestida como veio, apesar de a sua túnica, embora soberba, estar poeirenta e rasgada. Ao perguntar o porquê dessa decisão, informou-nos de que jamais vestiria roupas de escrava, uma vez que na sua terra era soberana.

— Muito bem, Nalim, agrada-me saber da tua nobre estirpe, porém debes esquecer isso de agora em diante, para não desmerecer o cargo que deverás ocupar.

Os negros olhos de Nalim escureceram ainda mais pela tempestade que rugia neles, mas nada disse. De que adiantaria?

— Agora — continuou Potiar —, deverão aprontar-se todas regiamente, porque terão a honra de desfilar para o faraó, que decidirá quanto aos vossos destinos. Tu, Aleat, despacha-te, e espero-te na antecâmara do nosso soberano, com as escravas.

Retirou-se rapidamente, dirigindo-se à sala onde o banquete prosseguia. Nalim, amuada, muda, sentou-se a um canto, triste e desanimada. Não se conformava com o ultraje sofrido. Filha de nobres hebreus, princesa na sua terra de origem, agora escravizada barbaramente num país desconhecido, onde nunca os seus a encontrariam. A humilhação daquelas horas de cativo pesava sobre os flexíveis ombros de Nalim como chumbo. Insensivelmente, recordou a sua infância, a sua adolescência até aos dias dos seus 17 anos, quando imprudentemente descera aos jardins para observar de perto um soberbo rapaz que manejava com maestria um maravilhoso alaúde, que enchia o ar com sonoras inflexões de uma linda melodia, cantada por uma voz maravilhosa. Fora o aspeto romântico que lhe impressionara a alma sensível, fora a música, o cavalheiro, a magia da noite, que a fizeram,

como um pássaro atraído pela serpente, percorrer as alamedas desertas em busca do trovador. Depois, sentira-se agarrada, amordaçada e, transida de terror, perdera os sentidos pela primeira vez na sua vida. A seguir, tudo continuara como um pesadelo terrível, a viagem penosa, as humilhações a que o seu pudor de mulher se viu submetido.

Sentiu uma mãozinha delicada pousar no seu braço.

Ergueu os olhos.

— És tu, Solimar?

— Sim, Nalim, estás triste e, no entanto, para teu próprio bem, deves aprontar-te para saudar o nosso novo soberano. Eu também sufoco no peito as minhas lágrimas de apreensão e de saudade. Sabes que deixei uma mãe enferma e idosa de quem era cuidadora. Certamente, a estas horas o desgosto e a miséria já a mataram. Entretanto, encontro forças para tentar cumprir a minha nova tarefa com resignação. O meu pai, que se dedicava aos estudos das ciências nos templos, dizia-me sempre que a Eloim lhe apraz pôr-nos à prova em todos os setores, a fim de acumularmos experiências para vivermos num maravilhoso reino que será eterno.

Os olhos puros de Solimar brilhavam, tocados por uma comoção sincera e confiante.

— Tu, bela Nalim, tinhas experiências bastantes para ser a senhora; talvez te faltasse a de escrava, para ingressares na mansão da luz. A mim também esta experiência deveria faltar. Saibamos enfrentar o nosso destino sobranceiramente e venceremos, estou certa. Estarei sempre contigo quando possível e procurarei auxiliar-te a suportar esta nova vida.

— Tu resignas-te facilmente, mas eu não. Embora obedeça por ora, não descansarei enquanto não vingar a afronta que recebi.

— Vamos, meninas — gritou a roufenha voz de Aleat —, vão vestir-se que dentro de poucos instantes deverão estar

na antecâmara do faraó. Aconselho-as a porem-se belas porque o faraó é muito sensível à beleza e talvez as beneficie.



Enquanto elas se preparavam, o banquete prosseguia. Pecos era a grande figura do momento. Decididamente, a vida sorria-lhe. Era belo, no vigor da juventude, possuía glória e uma posição de destaque. Os seus sentimentos eram de satisfação íntima pelos triunfos que alcançara. Filho mais velho de uma abastada família de nobre estirpe, ingressara, como era costume, ao serviço do soberano, indo ao encontro também do seu mais caro desejo, porque podia satisfazer aquela sede de aventuras, algumas galantes. Sentia-se vibrar de entusiasmo ao enfrentar um adversário no campo de luta. Era um exímio cavaleiro porque, desde muito cedo, fora treinado para tal; nem se recordava mesmo da primeira vez que montara um animal. Parecia-lhe que sempre tivera essa experiência. Era bom lanceiro, possuía bom golpe de vista e um pulso firme para o combate. Era arrojado, mas, apesar de tudo, sempre leal ao adversário. Possuía também um coração afetivo, cheio de impulsos bons, mas o ambiente em que vivia e as tentações de que era alvo eram muito fortes para seu temperamento ardente e impetuoso. As mulheres adoravam-no e disputavam a sua preferência. Mas ele, embora amante de aventuras, não as levava a sério a ponto de se comprometer. Era egoísta e, assim, procurava tirar tudo da vida sem nada dar em troca. Tendo sido criado desde pequenino naquele ambiente, julgava a caçada humana que empreendia parte de sua função de servir o seu país, encontrando um certo sabor na aventura, mas nunca se detivera nem de relance a analisar a covardia de tal procedimento. Era fruto do seu ambiente e achava natural existirem escravos e senhores, opressores e oprimidos. Para ele,

a vida era uma grande batalha, uns ganham e outros perdem. Ele era um vencedor, e os derrotados deviam conformar-se, submissos.

Os convivas estavam alegres, e os ditos jocosos, efeito do vinho, já se faziam ouvir.

De repente, as fanfarras iniciaram uma música rítmica e sensual e as bailarinas surgiram enlanguescidas, fascinando os convivas, que aplaudiam entusiasticamente. A cena era singular e estonteante naquele ambiente saturado de vinho e dos perfumes mais exóticos, saídos das piras onde as labaredas lambiam o ar, criando sombras fantásticas no solo. Os archotes bruxuleantes e, por fim, aquelas mulheres de pele bronzeada pelo sol forte do deserto, trazidas na sua maior parte de outras terras, causavam admiração geral. Eram belas como esfinges, de uma beleza mímica, com os olhos pintados de «darkim». Quanto durou aquela música ou aquela dança, ninguém pode precisar! Mas, desfeito o encanto quando a última bailarina desapareceu para lá das cortinas, os presentes despertaram e uma voz bradou:

— Oh!... Poderoso faraó, onde estão as conquistas dos teus soldados?

O faraó bateu palmas e Potiar, que aguardava pelo sinal, dirigiu-se ao centro do salão. Curvou-se ligeiramente e disse:

— Nobre faraó e seus convivas, agora traremos à vossa augusta presença os frutos da última «colunata».

Em seguida, de ambos os lados do salão, começaram a entrar os novos escravos, os homens de um lado e as mulheres do outro.

Vinham silenciosos, como que desejosos de encobrir e recalcar a revolta íntima. A admiração foi geral. Na verdade, eram magníficos. Nunca se reunira tanta pujança, juventude e beleza!

— Agora — disse Potiar —, quer o nosso faraó agraciar o seu grande guerreiro Pecos, com a escolha de uma escrava

para os seus domínios. Queira aproximar-se, nobre Pecos, e proceder à escolha.

Pecos, agradavelmente surpreendido, sorriu. Pousou o copo de vinho que tinha entre as mãos e dirigiu-se para o lado das mulheres agora escravas. A escolha era difícil. Eram todas realmente belas. Calmamente, começou a examiná-las. Vexadas com a exposição brutal da sua beleza física, a maioria encolhia-se timidamente. Ele levantava-lhes o rosto e fitava os olhos de cada uma. Para ele eram todas iguais, todas bonitas, atraentes. Quando, porém, se aproximou da pequena Solimar, sentiu um certo mal-estar. A pequena fitava-o serenamente, parecendo despertar nele algo estranho. Os seus olhos continham mais piedade do que revolta, o seu belo rosto de linhas puras personificava a delicadeza dos seus sentimentos. Pecos, pela primeira vez naquele dia, sentiu-se algo aborrecido, sem saber porquê. Parecia-lhe estranho que alguém sentisse compaixão por ele, que era o mais feliz dos homens, e que esse alguém fosse uma pobre mulher que ele escravizara e roubara ao convívio dos seus. Naquele momento, desejaria não estar ali. Sentiu, de repente, desejos de não escolher ninguém, de retirar-se e esquecer aquele pequeno reflexo da sua consciência. Mas isso seria impossível! Seria uma afronta à benevolência do soberano.

De repente, disse quase instintivamente:

— Como te chamas?

— Solimar.

A sua voz era musical, sussurrava apenas, mas ele sentiu uma estranha emoção.

— Se vossa majestade me conceder esta escrava, decididamente ficarei satisfeito.

Ao que respondeu o faraó:

— Seja, ela é tua.

— Agora, ilustres senhores, procederemos ao sorteio de uma escrava «a escolher» entre todos os presentes.

O entusiasmo foi geral e manifesto. Quando a algazarra cessou, transformada em expectativa, Potiar ordenou aos escravos que recolhessem dos presentes as pequenas tabuinhas onde estavam desenhados os seus nomes e que marcavam os lugares dos convivas. Colocaram-nas em enormes salvas e depois numa bolsa de couro, misturando bem o seu conteúdo.

As pobres mulheres, ofendidas na sua dignidade, em tudo o que possuíam de melhor em sentimentos, faziam um esforço tremendo para não chorar. Nalim tremia de raiva e de sofrimento. Ainda estava revoltada com a separação de Solimar. Tanta serenidade havia naquela criatura que Nalim sentia não poder resistir sem ela. A sua presença carinhosa proporcionava-lhe paz para enfrentar a situação sem se deixar abater. Muitas não conseguiam conter as lágrimas, mas não ela! O seu coração fechara-se pela revolta e só podia sentir sede de vingança!

Solimar compreendia o que se passava com ela. O seu coração sofria pelas companheiras e, se pudesse, daria a vida para libertá-las, devolvê-las ao convívio dos seus!

Os seis escravos pareciam feras acuadas e certamente, se os soldados não estivessem bem próximos, não se teriam contido.

O faraó, a quem fora dada a bolsa, introduziu nela a mão a fim de retirar a tábua do felizardo. A expectativa era grande!

Fez-se silêncio. O faraó, ao ler o que nela estava escrito, sorriu com malícia, passando-a a Potiar.

— Ilustres, decididamente Hórus favorece com a fortuna o homem do dia! O prémio coube ao nosso grande herói, Pecos.

Um oh! de decepção fez-se sentir no ambiente. Pecos, surpreendido, ficou interdito, sem saber o que dizer.

— Podes escolher, nobre Pecos, é tua a escrava.

Ele aproximou-se novamente, indeciso. Olhou para Solimar, sem saber porquê. Os olhos dela estavam fitos em

Nalim, esperançosa. Pecos aproximou-se de Nalim, olhou-a. Ela era maravilhosa! Os seus olhos negros fulgurantes, o seu rosto alvo, o seu cabelo também negro, os seus lábios vermelhos, tudo era realmente tentador. O seu porte ereto, a sua fronte altiva, não condiziam muito com a submissão de uma escrava. Ele sentiu-lhe o orgulho e a consciência de sua fascinação. Embora pressentindo o esforço que teria de fazer para dominá-la, ou talvez um pouco por isso mesmo, ou ainda pela súplica muda de Solimar, escolheu Nalim para o seu serviço.

As duas raparigas entreolharam-se aliviadas e uma momentânea alegria brilhou-lhes nos olhos.



A festa prosseguiu com mais algumas disputas em leilão das belas mulheres e dos valorosos escravos. Era uma vergonhosa afronta ao direito que a vida concede a cada um de viver a sua existência, usufruindo do mundo que Deus lhe concedeu para um único fim: a evolução. A experiência terrena consiste na harmonização do ser com o seu semelhante, a fim de conseguir viver em planos melhores, sem dor e sem sofrimento. No entanto, eles, quebrando a harmonia das leis universais de fraternidade, muito teriam de suportar no futuro, colhendo os resultados dos seus atos.

O faraó, a quem tal comemoração entediava, retirou-se finalmente, deixando Potiar a comandar a festa. Cansara-se com o dia exaustivo, quase não bebera, alimentara-se frugalmente, como de costume e, embora desejasse repouso, suportara tudo até ao fim.

Pecos, também excitado com as emoções indefiníveis que sentira naquele dia, cansado ainda da viagem, despediu-se por fim, ordenando aos seus pajens que conduzissem as escravas para a sua comitiva, a fim de seguirem para

os seus domínios, aliás, pouco distantes dos domínios do seu senhor.

Durante o trajeto, tentava recordar-se das sensações experimentadas, mas, embora o conseguisse, não podia compreender-lhes o sentido. De repente, quis relembrar o rosto de Solimar, mas teve uma estranha sensação exasperante ao ver que não o conseguia. Irritado consigo mesmo, com tudo e todos, sem perceber os motivos, fustigou o cavalo para chegar mais depressa. Assim, passados poucos minutos, seguido pelos escravos e pela sua comitiva, penetrava nos seus espaçosos domínios.

Era uma casa magnífica, de pedra, solidamente construída, com o seu teto baixo, sustentado por duas colunas quadradas na entrada, mais alta no interior. Estava rodeada de magníficos jardins e tinha numerosos pátios. Os seus vastos aposentos, mobilados com gosto e luxo, demonstravam a fineza do seu dono. Pecos, exausto, desejoso de estar só para repousar, despediu a comitiva, ordenando aos escravos que conduzissem as suas novas aquisições para as habitações femininas, lá aguardando as tarefas que lhes destinaria. Isto feito, retirou-se para os seus aposentos, preparando-se para dormir.

Apesar de extenuado, não conciliou logo o sono, tomado por uma sensação enervante. Um vago pressentimento de que algum novo acontecimento envolveria a sua vida incomodou-o por muito tempo. Mas, pensou ele, sendo um leal cumpridor dos seus deveres, fatalmente seria favorecido por Hórus e nada de mal lhe aconteceria. Era muito tarde já, quando adormeceu num sono pesado, angustiante, quase asfíxiante.

## 2



### A PROTEÇÃO DA VELHA SERVA

**D**ecorrida uma semana, Pecos, envolvido numa série de compromissos sociais e militares, não tornara a recordar-se das duas escravas que singularmente ganhara, nem determinara as suas funções.

Enquanto isso, elas aguardavam, servindo apenas em delicados serviços, condizentes com o seu conhecimento doméstico. Embora nada as diferenciasse na maneira de proceder, a forma como sentiam a situação era bem distinta. Solimar, magnânima, resignada, sofria em silêncio, procurando dar o que possuía de melhor a todos os que a cercavam. Nalim, recalcada, orgulhosa, esforçava-se por se acalmar perante os que eram agora seus iguais, sem demonstrar o que lhe ia na alma. Era como a calmaria que precede as tempestades. A qualquer momento, esta poderia irromper, atirando-a para consequências imprevisíveis. Solimar sentia o pensamento de Nalim e lastimava sinceramente a sua falta de compreensão e humildade, temerosa pelo seu futuro.

As escravas mais antigas, principalmente as mais jovens, não gostaram das novas companheiras. Sentiam ciúmes, por serem forçadas a reconhecer-lhes a formosura. Pecos não era como a maioria dos seus contemporâneos abastados, que mantinham relações amorosas abusivas com as escravas; tal procedimento repugnava-o sobremaneira, não por princípio de moral, mas de categoria; julgava-se superior a elas. Muitas, porém, eram vencidas pelo seu fascínio pessoal

e não perdiam a esperança de lhe despertar um interesse amoroso, mesmo que momentâneo.

As duas jovens não encontraram um ambiente sincero, mas pessoas cheias de ódio, inveja e recalcamientos violentos. As suas maneiras distintas e fidalgas, principalmente as de Nalim, tinham despertado nas outras a consciência da sua inferioridade, e isso as mulheres raramente perdoam. Fossem elas menos bonitas e o acolhimento teria sido mais amistoso. Esse ambiente uniu ainda mais aquelas almas que já se estimavam. Uma grande e sincera amizade nasceu entre elas.

Jertsaida, homem de confiança de Pecos e administrador dos seus domínios, supervisionava os serviços de Cortiah, encarregada das tarefas femininas da casa. Esta sentiu desde logo pena das duas raparigas. Compreendia-as, porque havia passado pela mesma experiência, e esforçava-se por lhes suavizar os momentos. Contudo, a princípio, a sua boa intenção não foi entendida pelas duas jovens, retraídas pelo acolhimento francamente hostil das demais. Entretanto, aos poucos, perceberam que contavam com a sua simpatia e benevolência. Um dia, Cortiah dissera-lhes:

— Tenho observado os vossos serviços. Tendes as mãos delicadas. Nesta casa, falta a orientação de uma dama, assim como escravas competentes para esses serviços delicados. Falarei com o nosso valente senhor, para que vos confie uma tarefa de acordo com os vossos conhecimentos. Assim, também podereis auxiliar-me nas determinações mais difíceis.

As duas agradeceram-lhe sinceramente. Não tinham nenhum conhecimento dos serviços grosseiros e ser-lhes-ia muito penoso sujeitar-se a eles.



Dias depois, a ocasião surgiu, quando Jertsaida a avisou de que o nobre Pecos a chamava. Cortiah, pressurosa, foi ter com ele, que a recebeu com a condescendência que lhe permitia a consciência da sua superioridade.

— Para que me quer, meu senhor? — perguntou a escrava, curvando-se.

— Preciso de ti para um caso muito especial. Os meus parentes chegam dentro de um mês e quero remodelar tanto quanto possível as decorações domésticas, principalmente as que foram da minha mãe, para a minha prima Otias, que passará, juntamente com o meu tio, a residir connosco. Recorro a ti porque, como mulher, ainda com a lembrança da tua passada posição na tua pátria, deves conhecer os caprichos femininos. Mandarei tapeceiros e tudo o mais que se fizer necessário para a remodelação. Espero de ti uma orientação sobre o que ficará mais próprio para os 18 anos da minha prima. Quanto aos aposentos do meu tio Osiat e do meu irmão Jasar, também de regresso, eu escolherei os adornos.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para bem servi-lo, meu senhor, mas desejaria falar-vos sobre um assunto que há dias me anda a preocupar.

— Fala.

— Nobre Pecos, há já alguns dias trouxe duas novas escravas e ainda não lhes designastes os serviços a desempenhar. Por se tratar de duas mulheres que conhecem altas posições sociais, estão a par dos pormenores que desejais, melhor do que eu, que de há muito passei da idade dos sonhos bonitos; permiti que elas me auxiliem na tarefa, e tenho a certeza de bem servir-vos.

— Seja. Tens a minha autorização. Findo este trabalho, designarei para elas outros, conforme se fizer necessário na ocasião. Agora vai-te e, assim que idealizares as modificações, vem comunicar-me, mas sê breve, porque temos somente um mês de prazo.

Cortiah correu como uma criança feliz a dar a boa nova às duas jovens.

Resolveram pôr mãos à obra imediatamente. Solimar, como era natural, recebia todo o trabalho que lhe era exigido, procurando desempenhá-lo bem. Nalim esmerava-se, na esperança de agradar ao seu senhor. Desde que perdera a liberdade, não fizera outra coisa senão arquitetar planos de vingança, mas, como se encontrava em situação inferior, sem meios para executá-los abertamente, contava com a dissimulação e a astúcia para levá-los a termo.

Cortiah levou-as logo aos aposentos onde deveriam trabalhar.

— Antes de mais nada, queremos que nos descrevas a personalidade da jovem que deverá ocupar estas salas, para assim podermos idealizar um ninho adequado aos seus gostos pessoais — pediu Nalim. — Tu conhece-la, Cortiah?

— Sim, eu vi-a muitas vezes ainda pequena. Faz oito anos que deixou Tebas, em demanda da Nícia. O seu pai, irmão mais novo do pai do nobre Pecos, depois de ter perdido a mulher, desgostoso, retirou-se para lá, estabelecendo-se e fazendo educar a filha por grandes professores. A jovem Otias deve andar pelos 18 anos, tinha 10 quando se foi. O seu temperamento era arrebatado e ardente como o da sua mãe. Gostava de sensações fortes e nasceu para mandar e ser obedecida. Já aos 8 anos castigava com rudeza os escravos que ousavam desobedecer-lhe, embora fosse bondosa para os que a serviam bem.

— É bem pouco o que dela sabemos, Solimar, mas, ainda assim, idealizaremos algo que lhe agrade.

As duas jovens, entretidas naquele trabalho onde os seus gostos artísticos se manifestavam, esqueceram-se por momentos da sua situação naquela casa, pondo todo o seu esmero na escolha da decoração, recordando-se do passado que parecia distar, não dois meses, mas dois séculos.

As reformas idealizadas por elas provocaram exclamações entusiásticas de Cortiah, que pressurosa lhes acatava as sugestões. Elas estavam no seu elemento, principalmente Nalim, no meio daqueles tecidos finíssimos, retirados das velhas arcas para sua escolha. Os seus olhos brilhavam satisfeitos e sorria com prazer como há muito tempo não fazia.



Assim, decorreram mais alguns dias. Os preparativos por toda a casa estavam animados. Escravos iam e vinham, carregando objetos e ajudando no serviço. Nalim, quase esquecida da sua posição atual, repreendia amiúde as escravas e dava-lhes ordens frequentemente quando necessitava de algum auxílio. Isto valeu-lhe não poucos arrufos e um ódio cada vez maior. Estas, com despeito, sentiam inveja da sua segurança, do seu gosto apurado, e tinham de reconhecer-lhe a superioridade. Nalim desprezava-as, na certeza da sua nobre origem. Só Solimar as compreendia e lamentava.

Uma noite, falou com Nalim sobre o assunto, ao que ela, encolhendo os ombros, respondeu:

— Que queres? A nobreza, embora escrava, não se mistura com a ralé. Eu, apesar das circunstâncias, não esqueço a minha família, honrando-a como fizeram todos os meus antepassados. Sou assim e dificilmente mudarei. Tenho feito esforços sobre-humanos para poder viver na mesma ala com elas, utilizando as acomodações em conjunto. Já isto representa um sacrifício enorme para mim.

— Nalim, sei que te esforças, porém, nós agora não podemos pensar como antes. Talvez o orgulho tenha atraído para nós esta situação. Pode ser que, para sairmos dela, tenhamos de aprender a ser humildes, sabendo que somos todos humanos, com as mesmas necessidades físicas e o mesmo

destino, quando a nossa alma deixar o corpo em busca do alívio das mansões celestiais.

— Mas lá certamente haverá separação para as hierarquias da nobreza. Não concebo uma mansão de felicidade sem as posições definidas de cada um.

— Pensas como muitos, mas eu acredito, segundo as lições que recebi do meu pai, que nos igualamos na morte, sendo apenas mais bem colocados os que melhores ações tenham praticado no mundo, dentro da pureza, bondade e tolerância.

— E pensas tu que uma escrava ignorante poderá ter esses sentimentos? Eu não creio.

— E nós, acaso não teremos? Não somos escravas?

— Mas o nosso caso é diferente, bem o sabes — disse Nalim, com um gesto de enfado. Estava longe de compreender o significado do elevado pensamento da amiga.

Solimar compreendeu e calou-se. Uma onda de tristeza invadiu-lhe o amoroso coração. Desejava oferecer à companhia toda a compreensão que sentia da vida e das coisas, mas ela não conseguia entender.

— Sentes o ar quente deste verão inclemente? Não queres, Solimar, respirar um pouco da brisa noturna?

— Vamos, assim conversaremos mais um pouco. Ainda bem que podemos andar livremente pelos jardins, quando desertos. Sentir-me-ia muito triste se não pudesse respirar o suave aroma das flores, sentindo a vida que nelas se manifesta.

— Pelo menos, temos certas regalias que as outras não têm. Temos momentos de folga proporcionados pelas nossas funções.

As duas, abraçadas, caminhavam ao longo das alamedas floridas. A noite estava maravilhosa. Era já tarde e estavam a meio da noite, embora o ar quente e parado do verão rigoroso convidasse ao convívio das árvores e dos lugares mais

amenos. Continuavam o passeio trocando ideias sobre o passado, confidências dos tempos felizes.

Nalim contava coisas da sua casa, dos seus pais, dos seus familiares, da sua infância. Solimar falava do pai, a quem amara profundamente e que lhe ensinara tudo quanto sabia. Ele era de nobre estirpe, mas dedicara-se ao ocultismo e desapegara-se completamente das riquezas terrenas. A sua mãe, inexperiente, dirigia tudo, pois o pai ausentava-se constantemente em viagens de estudo. Assim, acabaram por perder a maior parte dos seus haveres. Enquanto o pai fora vivo, não se haviam preocupado, mas, depois de sua morte quase súbita, viram-se envolvidas pela miséria. Venderam a propriedade e compraram uma casa pequena. Pela condescendência da sua mãe, os escravos foram libertados, conservando apenas os serviços da sua velha ama e do velho jardineiro, que se negaram a deixá-las.

Solimar, em virtude das circunstâncias, tinha recorrido ao trabalho para ajudar nas despesas. Copiava hieróglifos em longos papiros para os nobres e ainda tecia à mão finos véus para as suas antigas amizades. Iam vivendo resignadas, quase felizes, até que um dia, quando voltava de entregar um trabalho, fora agredida e subjugada. Quando acordou, já se encontrava na expedição que se apressava para o regresso. Debalde implorara a liberdade, alegando as necessidades da sua mãe, inutilmente chorara de medo e de angústia, pensando no golpe que atingiria o coração amoroso da sua progenitora.

Uma noite, sozinha numa tenda escura, chorou dolorosamente e adormeceu exausta. Acordou num lindo jardim florido e sentou-se num banco, esperando algo, sem saber o quê. De repente, viu surgir a figura veneranda do seu amado pai. Rejuvenescido e feliz, ele sorriu-lhe, abraçando-a carinhosamente.

— Filha, não chores. Sabes que nascemos na Terra para aprendermos a viver bem. A tua experiência, que agora vais

iniciar, ser-te-á proveitosa no futuro e podes conseguir muito progresso desta tua passagem terrena.

Ela pensou na mãe e novamente se entristeceu; ele, porém, sentindo-lhe o pensamento, disse:

— Ninguém fica só no mundo. Deus não desampara ninguém. Volta resignada às tuas obrigações carnis e procura cumprir bem tua missão. Tu mesma a solicitaste anteriormente. Faz tudo para evitar o fracasso.

E, dando-lhe um suave beijo na testa escaldante, desapareceu.

Solimar despertou com uma repousante e reconfortante sensação. Quando se recordava daquele sonho venturoso, os seus olhos marejavam-se. Não é fácil transformar emoções em palavras. Os sentimentos que tocam a nossa alma perdem substância quando transformados em linguagem comum. Solimar gostaria de contar à companheira o que sentia.

Todavia, aquelas emoções eram intraduzíveis. Percebia que Nalim não teria condições de as entender.

Calaram-se ambas. Caminharam em silêncio. A brisa noturna, suave e aromática, provocava nelas sensibilidade e romantismo. As estrelas faiscavam na laje imensa do infinito... De repente, rasgando o véu daquele silêncio encantado, ergueu-se nos ares um canto ardente e apaixonado. Uma voz dolente e harmoniosa cantava, revelando toda a sua sensibilidade de artista.

As mulheres pararam fascinadas. Solimar deixou-se embalar suavemente pelo fascínio daquele instante de calma e feliz emoção. Nalim sentiu-se extremamente surpreendida ao reconhecer a voz e a canção que a atraía, ocasionando a sua prisão. Era a mesma voz, embora mais pura, mais emocionada, a mesma canção de lamento, de chamamento amoroso. Apesar das pungentes recordações que aquele canto noturno trazia ao seu espírito, o mesmo fascínio que sentira antes renovou-se naquele instante. Mudas, quase sem sentir,

trocaram um olhar admirado, e depois dirigiram-se cautelosamente ao local de onde provinha a melodia. Guiando-se facilmente pela direção do som, avançaram mais alguns passos, parando espantadas.

Sentado num banco, próximo do pátio exterior dos aposentos do dono da casa, este cantava, completamente alheio ao resto do mundo. Os seus dedos percorriam o alaúde com maestria, e os seus olhos, fixos num ponto indefinido, revelavam aspetos da sua alma sonhadora. O seu espírito, cansado das aventuras fáceis do salão, buscava na música alimento para a alma.

As duas mulheres, paradas, observavam-no escondidas. Então era ele! Fora ele, pensou Nalim, que com a magia da sua voz a atraía para a vergonha e a escravidão. Mas ela haveria de vingar-se, fosse como fosse. Jamais lhe perdoaria!...

O seu corpo esbelto tremia com o enorme esforço que fazia para se controlar e não avançar para ele, dizendo-lhe tudo o que lhe ia na alma. Os seus lábios cerraram-se com força e foi entredentes que murmurou impercetivelmente:

— Ele não perde por esperar! Ele vai pagar-me!

Solimar nem a ouviu sequer, elevada pela cena que presenciava. Aquele homem, másculo, de uma beleza e atração extraordinárias, não podia ser mau. Não podia ser completamente empedernido, uma vez que a sua alma conseguia vibrar com tanta delicadeza, na interpretação de uma canção amorosa. Sentiu uma vontade infinita de fazer algo em benefício dele, e prometeu a si mesma ajudá-lo a encontrar-se a si mesmo, estimulando o seu lado bom. Seria uma pena, pensava ela, que um homem possuidor de tantas vibrações amorosas na voz, passasse pela vida iludido, ignorando o seu verdadeiro significado.

As emoções daquelas duas formosas criaturas, frente ao mesmo acontecimento, eram muito diferentes. Uma,

sentindo-se revoltada, pensando apenas na vingança, a outra, acariciando a mão que a ferira.

Qual das duas seria mais feliz? Aquela que se recordava constantemente da agressão sofrida, revivendo e alimentando as sensações daqueles terríveis momentos, ou aquela que, esquecendo o que sofrera, se libertara dessas penosas recordações? Aquela que sofria por ver-se nivelada com pessoas que julgava inferiores, ou a que, não se julgando superior a ninguém, se sentia rica o bastante para ajudar os que a feriram?

Certamente, era Solimar muito mais venturosa. Ocultas atrás de uns arbustos, esperaram que a canção terminasse. Pecos permaneceu alguns instantes em muda contemplação. Momentos havia em que sentia um vazio interior. O desejo de algo que não sabia precisar, uma saudade indefinida. Naquela noite, não conseguira conciliar o sono. Inspirado por um desejo vago, pegara no alaúde e dirigira-se ao jardim. Os seus dedos percorreram o instrumento ao acaso, o seu pensamento divagava.

Olhava o céu cheio de estrelas e pensava em que mistérios se ocultavam naqueles pontículos distantes. Que poderosa força os engastava no teto celeste? Certamente, Osíris lhe havia destinado uma companheira. Nunca amara mulher alguma. As suas conquistas eram ocasionais e superficiais. Deixava-se amar por elas displicentemente, certo de que nunca amaria. Julgava-se insensível ao amor e sentia-se frustrado por isso. Era como se estivesse a perder algo precioso. Então, os seus lábios abriram-se para cantar aquela canção, num lamento ardente e apaixonado:

*Vejo no negro manto da noite,  
a sombra esvoaçante de teus cabelos.  
No brilho das estrelas cintilantes,  
o apelo amante de teus olhos belos...*

*Sinto, no vento acariciante que passa,  
a magia de teu ser envolvente...  
No ruído das folhas sussurrantes,  
o eco de teus passos macios, leves...  
No entanto procuro-te, oh! forma florescente,  
gritando ao eco o teu nome inexistente,  
Buscando nas mulheres o teu vulto fascinante,  
não o reconhecendo neste meio ambiente...  
Oh!... ser etéreo e lindo que adivinho perto,  
que sentes o meu anseio de amoroso enleio  
Revela-te aos meus olhos no caminho certo,  
para que eu possa entregar-me sem receio.  
Bendizando a vida na musa inspiradora,  
bendizando a morte que conduzirá à vida!...*

Depois de alguns momentos de muda contemplação,  
Pecos, mais reconfortado, recolheu-se aos seus aposentos.

As duas amigas, ainda silenciosas e abraçadas, regressa-  
ram rumo à sua habitação. Embora pelo mesmo caminho,  
iam muito distantes no pensamento.

«CONTRIBUINDO PARA A DIVULGAÇÃO DAS LEIS  
BÁSICAS QUE REGEM A VIDA TERRENA, VOLTEI  
AO PASSADO DISTANTE, PROCURANDO NO  
ARQUIVO DA MINHA CONSCIÊNCIA MILENAR  
A HISTÓRIA QUE TENTEI NARRAR AQUI  
COM PUREZA E SIMPLICIDADE.»



Primeiro romance espiritual de Zibia Gasparetto, ditado por Lucius, e que marcou o início de uma longa carreira enquanto autora, com milhões de livros vendidos e muitas mais almas tocadas pelas suas palavras.

Tendo como cenário o Antigo Egito, por volta do ano 1200 a. C., durante a fascinante época dos faraós, *O Amor Venceu* conta-nos a história da bela Nalim, uma princesa escravizada pelo guerreiro Pecos e que, por isso mesmo, tenciona vingar-se do seu opressor. Se esse plano inicial estava delineado, a envolvente narrativa vem demonstrar que a vida, sábia nas suas lições, aproveita todas as oportunidades para estreitar os laços entre as pessoas. E, no final, mesmo depois de todos os obstáculos, é o amor que sai vencedor.

Uma história surpreendente, que deu já mote a diversas representações teatrais, e que não só revela o lado mais perverso do ser humano, com a inveja, a procura do poder e a vingança, mas também nos oferece a luz do perdão, da fé e da esperança.



UMA PROVA DE QUE O AMOR  
É A FORÇA MAIOR DA VIDA



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Espiritualidades

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789895649396



9 789895 649396 >